

Paciente reclama da hemodiálise

Davi Zocoli

Há nove anos Ana Maria Passos vem tentando um transplante de rim. Quando tinha 20 anos, ela descobriu que possui uma síndrome nefrótica - inflamação no órgão -, e aos 40 perdeu o rim. No início do tratamento, Ana Maria chegou a fazer mais de 50 transfusões que sensibilizaram o seu tipo sanguíneo, tornando mais difícil, ainda, a busca por um rim compatível.

Enquanto não consegue o órgão, Ana Maria continua fazendo hemodiálise. Ela reclama que o tratamento é muito incômodo. Três vezes por semana, durante quatro horas, o paciente precisa ir ao hospital para que uma máquina filtre o seu sangue. "Eu saio toda furada e muitas vezes sinto fraqueza, tenho pressão baixa. Mas é o tratamento que me mantém viva", disse.

"O ideal seria que todos os pacientes pudessem realizar o transplante", afirmou. Mas ela admite que esse é um sonho distante da realidade atual. "Hoje, precisamos de mais um hospital que realize a cirurgia. O valor que o SUS oferece para os hospitais particulares realizarem o transplante é tão baixo que eles nem se interessam", reclamou.

Tratamento cansativo - A situação da professora Maria Nely não é muito diferente: ela espera por um transplante há quatro anos. Ela é diabética e a doença causou a perda do rim. Durante a hemodiálise no Hospital de Base, Maria disse que



Ana Maria Passos, há nove anos na espera: fraqueza e pressão baixa

sonha com o dia em que conseguirá um novo órgão. "Eu sinto muita fraqueza e é cansativo vir três vezes por semana ao hospital. Estou torcendo para conseguir logo um transplante".

Como Maria, Valentina Linhares de Souza espera há quatro anos por um rim. Mas ela desistiu de fazer

hemodiálise no HBDF por causa da concorrência. "São poucas máquinas, e eles atendem primeiro a os casos mais urgentes. Os médicos fazem o que podem, mas a estrutura é muito precária". Maria já foi chamada pelo Hospital de Base para fazer o transplante, mas o rim não era compatível.